



MÉTODOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:

estudos, reflexões e perspectivas

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

3

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizadoras

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Capa

AYA Editora

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva

Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Me. Jorge Soistak

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.º Me. José Henrique de Goes

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues

Universidade Norte do Paraná

Prof.º Me. Milson dos Santos Barbosa

Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Me. Myller Augusto Santos Gomes

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes

Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira

Instituto Federal do Acre

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail

Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Ma. Silvia Aparecida Medeiros

Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda

Santos

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues

Instituto Federal de Santa Catarina

Prof.º Dr. Valdoir Pedro Wathier

Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional, FNDE

© 2021 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas desta obra são integralmente de responsabilidade de seus autores.

M9399 Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas 3 [recurso eletrônico]. / Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti (organizadoras) -- Ponta Grossa: Aya, 2021. 334 p. – ISBN 978-65-88580-78-3

Inclui biografia
Inclui índice
Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
DOI 10.47573/aya.88580.2.49

1. Educação. 2. Educação básica. 3. Ensino fundamental. 4. Cartografia - Estudo e ensino. 5. Educação – Efeito das inovações tecnológicas. 6. Educação infantil. 7. Tecnologia educacional. 8 Educação física (Segundo grau). 9. Educação sexual. 10. Alfabetização. 10. Cultura afro-brasileira. 11. Educação especial. 12. Inclusão escolar. I. Pereira, Denise. II. Bortoloti, Karen Fernanda. III. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora EIRELI

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53
Fone: +55 42 3086-3131
E-mail: contato@ayaeditora.com.br
Site: <https://ayaeditora.com.br>
Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

A cultura afro-brasileira nas escolas diante dos olhares de estudantes dos anos iniciais

*Ana Érica Silva Moraes Araújo
Aila da Costa Silva
Mariana Campioni Morone Cardoso*

DOI: 10.47573/aya.88580.2.49.8

Resumo

Neste relato de experiência buscamos analisar percepções manifestadas por alguns estudantes da educação básica acerca da cultura afro-brasileira. Para isso, acompanhamos por dois dias, uma turma dos anos iniciais de uma escola pública estadual localizada na zona leste de São Paulo. De acordo com Gomes (2002), apesar da questão étnico-racial estar em evidência, é necessário pensar que crianças, jovens e adultos negros constroem a sua identidade dentro e fora do ambiente escolar. Daí a importância de se desenvolver uma educação preocupada em respeitar toda a diversidade cultural. Para nossa investigação, realizamos a inserção das pesquisadoras no ambiente natural em que o processo de formação ocorreu, por isso, segundo Ludke e André (1986) é caracterizado de natureza diagnóstica, de caráter interpretativo, porque nos deparamos com a necessidade de interpretarmos produções e falas dos alunos ao serem questionados sobre a cultura afro-brasileira. Dividimos nossa vivência em leitura e interpretação de livro, conversas e atividade artística. Além é claro, de nossas observações das participações e reações manifestadas pelas crianças em relação ao tema. Observamos que dentro da escola, de modo geral, os estudantes não se sentem representados com a forma que se é contada a sua história advinda da cultura, desse modo, a forma negativa é predominantemente imposta, fazendo com que mesmo aqueles que são visivelmente descendentes e negros não queiram ter sua história interligada com a cultura negra, por ser vista apenas com uma vasta bagagem de sofrimento e dor. A respeito de nossas análises, frisamos a manifestação de fragilidades de conhecimentos ligados a esse conteúdo, e, em função disso, indicamos a necessidade da formação inicial focar tais saberes.

Palavras-chave: escola. cultura afro-brasileira. valorização.

PROBLEMÁTICA

Ao observarmos os documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da área de História publicado no ano de 1998, é evidenciado adaptações nos livros didáticos de História para que pudessem incluir conteúdos que contemplassem a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira.

Com o presente relato, buscamos identificar quais são os conhecimentos basilares que os alunos possuem sobre a cultura Afro-Brasileira, identificando assim se os professores que atuam em uma determinada escola da rede pública da cidade de São Paulo trabalham de uma maneira adequada e se estão cientes do ensino da Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira.

Para tanto, temos como hipótese que em muitas escolas, os alunos não possuem maiores conhecimentos sobre a cultura afrodescendente visando que ela seja trabalhada, apenas, com o foco da escravidão, sem enfatizar, por exemplo, as grandes contribuições desse povo para a nossa cultura. O que evidencia a relevância deste tema, porque nos dá a possibilidade de identificar o que os estudantes sabem sobre essa cultura que ajudou a formar tantas identidades.

QUADRO TEÓRICO

Segundo Gomes (2002), a escola é um ambiente em que compartilhamos e aprendemos não apenas conhecimentos escolares, mas também valores, crenças e preconceitos de gênero, cor e idade.

A partir de 1998, educadores começam, então, a preocupar-se com as relações étnico-raciais articuladas com a educação e com a cultura, assim, temas como a representação do negro nos livros didáticos, o silêncio sobre a questão racial na escola, a educação de mulheres negras, relações raciais e educação infantil, negros e currículo, entre outros, começam a ser incorporados na produção teórica educacional.

Ainda de acordo com Gomes (2002), apesar da questão estar em evidência, é necessário pensar que crianças, jovens e adultos negros constroem a sua identidade dentro e fora do ambiente escolar. Daí a importância de se desenvolver uma educação preocupada em respeitar toda a diversidade cultural.

O Ministério da Educação divulgou, no dia 10 de março de 2004, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Essas diretrizes foram instituídas pelo Conselho Nacional de Educação – CNE para dar continuidade à Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional que dispõe sobre obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica no currículo oficial.

As novas diretrizes situam-se no campo das políticas de reparações, de reconhecimento e valorização dos negros, possibilitando a essa população o ingresso, a permanência e o sucesso na educação escolar. Envolve, portanto, ações afirmativas no sentido de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisições de competências e conhecimentos tidos como indispensáveis para a atuação participativa na sociedade.

O ideário desta política pública somente poderá ser efetivado se, dentre inúmeras outras questões, houver uma mudança nos processos educativos de todas as escolas brasileiras. E é justamente sobre estes processos que o MEC, por meio da recente (2006) publicação “Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais”, oportuniza tal mudança. Nesse cenário, sua leitura e discussão tornam-se indispensáveis para os professores das diferentes esferas educacionais.

A coletânea é um documento oficial que foi discutido por 150 estudiosos e educadores, subdivididos nos grupos de trabalhos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), do Ensino Médio, da Educação de Jovens e Adultos, das Licenciaturas e dos Quilombolas. Não se trata de um receituário de práticas a serem seguidas nas diversas instâncias de ensino, sobretudo, por conta da complexidade que a temática envolve, mas sim de um documento norteador reflexivo.

A partir, então, da utilização desta coletânea, juntamente com a utilização do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, RCNEI, pretendemos apresentar o que é preciso e como podemos ensinar sobre a história e cultura dos afro-brasileiros, pensando nos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, para crianças de quatro à seis anos de idade.

Um estudo feito por Santos (2008) evidencia que a educação brasileira:

[...] não pode ser entendida sem levar em conta as relações entre os diversos grupos étnicos que formaram esta nação[...] a escola na sociedade capitalista assume um caráter homogenizador, prevalecendo um padrão estético vinculado à sociedade europeia, o que estamos chamando de monoculturalismo e excluindo, por exemplo, a referencia negro-africana da formação da sociedade brasileira (Santos,p.1: 2008).

Muitas crianças se sentem excluídas dos padrões estipulados pela sociedade e/ou não se reconhecem diante, por exemplo das princesas e heróis vistos nos desenhos e nos brinquedos.

Segundo Munanga e Gomes (2006), o termo raça em seu sentido original na biologia é empregado para caracterizar classes de animais de uma mesma família que tem diferenças biológicas.

A própria ciência já tratou de refutar qualquer hipótese de diferenças biológicas entre serem humanos de cores ou etnias diferentes. Ou seja, somos uma só raça.

Segundo Ribeiro (2010), o emprego do termo “raça” para grupos de Movimento Negro tem um sentido totalmente diferente dos empregados pelo Nazismo. Eles o utilizam para reconhecer as diferenças entre grupos humanos, não de cunho biológico, mas de cunho político e social. É utilizado para denunciar o racismo e colocar em evidência as diferenças desiguais entre brancos e negros na sociedade brasileira.

Etnia por sua vez é um conceito cada dia mais utilizado, pois este não carrega um sentido biológico. É um termo que atribui sentido de pertencente e ancestralidade. Ele ganhou força principalmente para identificar a diversidade dos povos que mais sofrem com o racismo.

Ao considerarmos as várias etnias consideramos não só as diferenças naturais de características físicas, como também as construções sociais e culturais de cada lugar.

Definir-se como pertencente etnicamente de um lugar não quer dizer que este seja sua

terra de origem, mas sim a identificação como pertencente daquele lugar por algum motivo, por exemplo pela ancestralidade. Há também aqueles que consideram os termos raça e etnia como complementares, assim utilizam a expressão étnico-racial.

O racismo é um comportamento de pessoas que consideram que características físicas de um povo os tornam superiores ou inferiores. Está ligada ao termo raça no sentido biológico. Alguns pesquisadores afirmam que o racismo é uma construção social que se dá de duas formas: o racismo individual e o institucional.

O racismo individual é aquele que vem de um ato discriminatório explícito, parte de indivíduos contra outros indivíduos. Muitas vezes até por meio de violência, tanto verbal como física. Já o racismo institucional é uma prática implícita, porém não menos violenta. São políticas públicas excludentes, com falta de oportunidade e desigualdade social.

Segundo Brito (2014) é através da escola que podemos cessar o preconceito contra afrodescendentes. Através do ensino da cultura afro-brasileira podemos ter consciência de que todos somos importantes para a sociedade, independente da cor da pele. O que nos levou a pergunta orientadora da pesquisa ora em tela: Qual a percepção dos alunos sobre a cultura afro-brasileira dentro do ambiente escolar? ”.

MÉTODO

A fim de encontrarmos respostas a essa questão, fomos levadas a desenvolver uma pesquisa-ação de natureza diagnóstica com caráter interpretativo. Porque nos deparamos com a necessidade de interpretarmos produções e falas dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental ao serem questionados sobre a cultura afro-brasileira.

A escola que visitamos em 2019 está localizada na Zona Leste de São Paulo, no bairro de Artur Alvim, a escola é da rede estadual e para não expor seu nome serão utilizadas suas iniciais E.E P O A B D M, a diretoria de ensino da escola é a Leste 4.

No período visitado, manhã, estudam crianças do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Referente a estrutura da escola, segundo dados Censo/2018 a mesma contém de 16 a 20 salas de aulas utilizadas, 61 funcionários, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, quadra de esportes coberta, cozinha, sala de leitura, parque infantil, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, despensa, almoxarifado e pátio coberto.

A instituição recebe alunos de diversas etnias, e a maior parte de seus alunos são de famílias da periferia da região.

Foi realizada uma pesquisa-ação durante dois dias com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Buscamos ainda a inserção das pesquisadoras no ambiente natural em que o processo de formação ocorreu, por isso, segundo Ludke e André (1986) é caracterizado de natureza diagnóstica, de caráter interpretativo.

Outro ponto importante, no que diz respeito a ética nesse tipo de pesquisa, é a manipulação de resultados. O pesquisador não pode manipular os “sujeitos da pesquisa” para que se

alcance um resultado esperado, os resultados devem estar vinculados a realidade para que a produção da pesquisa gere melhorias nas práticas que serão reformuladas a partir dos resultados.

No primeiro dia do projeto desenvolvido, conversamos com a turma de 22 alunos e perguntamos quais os conhecimentos que eles tinham sobre a África. Uma aluna apenas disse que além de conhecer ela veio de lá, porém não soube justificar sua fala.

De acordo com Gomes (2002), essa falta de conhecimento acontece devido ao fato de no currículo escolar haver uma tendência a valorização da cultura europeia e o esquecimento da cultura afro brasileira.

Citamos, então, algumas danças, comidas e esportes para saber se as crianças conheciam. Observamos que na sala de aula apesar dos alunos conhecerem uma vasta quantidade de elementos oriundos da cultura afro-brasileira, eles não sabiam suas origens.

Ao realizarmos a leitura do livro *Amoras* do autor Emericida, cujos personagens são negros e trazem a temática da cultura afro-brasileira, tais como: contribuição para a sociedade nos aspectos culturais, históricos, linguístico e populacional, perguntamos quantos alunos se reconheceram em tal história, logo sete alunos reagiram se sentindo representados.

Porém, visivelmente haviam mais alunos com traços afro-brasileiros. Essa negativa por parte dos alunos em se reconhecerem se dá por uma questão cultural, o que Santos (2008) em seus estudos chama de ditadura da beleza, termo dado ao que ocorre nas escolas e sociedade que exalta a beleza europeia e desvaloriza a beleza africana. Para Ferreira (2001) essa ditadura está tão enraizada na nossa sociedade que todos que não se enquadram ao ideal do branco, dos olhos claros não se sentem representados.

Ao final do 2º dia de pesquisa, levamos para sala de aula alguns elementos essenciais que compõem a cultura brasileira e que foram trazidos pelos povos africanos e novamente perguntamos quem se reconhecia nos traços africanos e para nossa surpresa dezessete alunos levantaram a mão afirmando que se sentiam representados e reconhecidos.

Logo, identificamos a importância de trazer elementos do cotidiano que represente o negro positivamente, como livros, bonecos, danças para que as crianças pudessem se identificar.

Segundo Gomes (2002), os processos de identificação se constroem desde as primeiras relações do indivíduo, por esse motivo a autora destaca como é importante ressaltar a positividade da identificação com os povos negros, dentro e fora da família, e também durante todo o seu desenvolvimento escolar.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De todas as situações acompanhadas, selecionamos para a discussão nesta publicação duas reflexões, e seus respectivos desdobramentos. As situações referem-se a momentos diversos, em sala de aula ao longo da vivência realizada.

Os nomes utilizados em nosso relato tanto de professores, como de alunos serão fictícios para preservação de sua identidade.

Ao chegarmos na escola para aplicar nosso projeto de pesquisa no primeiro dia fomos muito bem recebidas pela equipe escolar. Após fazermos a apresentação do projeto para coordenadora e para professora, fomos aplicá-lo na sala de aula.

Ambas demonstraram interesse para que nós continuássemos o trabalho com os alunos. Foi daí que junto a professora de artes decidimos fazer nossa pesquisa em dois dias com a sugestão da utilização da boneca Abayomi para finalizar o trabalho com os alunos.

Dados os combinados de como seria nosso trabalho a professora nos levou ao 2º ano C e pediu autorização para a professora Laura para que usássemos sua aula. Vale destacar que a turma era composta por 25 alunos mas apenas 22 estavam presentes.

Entramos na sala, nos apresentamos e pedimos para que eles se apresentassem. A partir de agora iremos descrever o que aconteceu na sala.

Falamos que estávamos ali com o intuito de ensinar e aprender um pouco sobre um assunto bem legal. Então perguntamos:

- Quem conhece a África?

Uma das alunas, que chamaremos de Daniela, disse:

- Eu vim de lá.

Pesquisadoras:

-Que legal! Alguém mais veio de lá ou sabe sobre a África?

Ninguém respondeu.

Daniela tem a cor negra e o cabelo cacheado, mas não era a única da sala com essas características, também tinha Nathalia que preferiu não se manifestar.

Pesquisadoras:

- E o que você mais gosta de lá?

Danielle não soube responder.

Falamos para eles que iríamos ler um livro chamado Amoras e que depois iniciaríamos um bate papo com eles.

O livro é uma história narrada em forma de poema que trata sobre a representatividade negra. Perguntamos então o que eles mais gostaram do livro.

Daniela respondeu:

- É porque eu sou pretinha também.

Esse trecho do livro é usado para falar das amoras com a mensagem também sobre a cor da pele. Outros alunos também gostaram dessa parte do livro.

Ainda sobre o livro perguntamos quem se sentiu de alguma forma representado pela história e pelas personagens do livro, seja na cor, no cabelo. 6 dos alunos da sala levantaram as mãos, Débora se sentiu representada pela cor das personagens, os demais pelos cabelos.

Voltando para as explicações sobre a África, de maneira informal falamos que a África é um continente muito extenso com muitos países. “Que foi na África que se tem os relatos dos primeiros seres humanos”. Esta frase fez com que os alunos entrassem automaticamente no assunto de religiosidade. O aluno Caíque levantou a mão e quando teve a palavra falou:

- Quem criou os primeiros homens foi Jesus.

A partir dessa fala de Caíque muitos alunos começaram a levantar a mão e falar coisas referentes ao cristianismo, tais como:

- Jesus morreu por nós e criou todas as coisas.

Em nenhum momento pensamos em negar ou criticar as crenças dos alunos, mas falamos para eles que mesmo que pareça difícil entenderem existem pessoas que acreditam que quem criou o mundo não foi Jesus ou o Deus do cristianismo, mas que existem outras explicações para a criação como Obatalá, o criador nas religiões de matrizes africanas que é citado no poema Amoras.

Além disso, existem pessoas que não acreditam em Jesus por algum motivo. Perguntamos então se essas pessoas estão erradas por isso, ou se são pessoas ruins por isso. E todas as crianças responderam que não.

Falamos da importância das diferenças. Perguntamos se seria legal se todas as pessoas fossem iguais, e novamente responderam que não.

Caíque um dos alunos mais participativos também disse:

-Se todos fossemos iguais nossa mãe ia confundir a gente. Ninguém ia conhecer ninguém.

Foi aí que Débora nos relatou uma situação de preconceito sofrida por sua irmã.

- Na escola que minha irmã estudava os alunos xingavam ela por causa da cor da pele dela.

Essa fala evidenciou como algumas crianças, de fato, compreenderam alguns pontos importantes da nossa proposta de trabalho.

Guilherme então respondeu:

-Mas isso não pode. Isso é bullying!

Todos concordaram com essa afirmação de Guilherme. Nós também reforçamos que esta postura é errada e que todos nós devemos respeitar as pessoas em suas diferenças tanto de cor como de opiniões.

Voltamos a falar da relação entre a África e o Brasil. Falamos que parte dos povos africanos que viviam na África foram trazidos para o Brasil contra sua vontade há muito tempo atrás. Falamos que a maioria dos povos africanos tem a cor da pele negra, e usamos o exemplo da aluna Daniela que tem a pele negra. Falamos, porém, que não é só quem tem a pele negra que tem descendência africana, pois ocorreu o processo de miscigenação.

Perguntamos para eles se sabiam o que significa o termo “miscigenação”, ninguém sou-

be responder.

Descrevemos então de forma bem breve sobre esse processo. Perguntamos se eles sabiam quem morava no Brasil primeiro? Um aluno respondeu:

- Pedro Álvares Cabral.

- Os portugueses.

- Os índios

Pesquisadoras:

- Muito bem. E quem chegou depois?

Alunos:

- Os portugueses.

Pesquisadoras:

-Agora sim! E quem foi trazido para o Brasil pelos portugueses?

Alunos:

- Os Africanos

Pesquisadoras:

-Muito bem.

Falamos para eles que em um certo momento da história os povos começaram a se misturar. Mulheres africanas engravidaram de portugueses. Índias também se misturaram com portugueses e africanos. As mulheres portuguesas também se misturaram com os índios e com os africanos. E dessa mistura nasceu a população brasileira. Explicamos que por isso a maioria da população brasileira tem descendência africana, mesmo que a pele não seja negra, essa mistura de etnias que traz essa diferença na cor.

Perguntamos novamente se alguém achava que tinha alguma descendência africana e 6 alunos levantaram a mão. Ficamos surpresas que Nathalia novamente não colocou sua posição.

Falamos então sobre o que significa cultura afro-brasileira e que esses costumes foram trazidos pelos africanos e estão até hoje presentes em nossa cultura.

Perguntamos quais heranças eles nos deixaram no esporte, por exemplo. Porém, ninguém soube nos responder. Então, questionamos se alguém conhecia a capoeira. E várias crianças levantaram as mãos. Muitos até já praticaram, mas não sabiam de sua origem africana. Depois alguns alunos começaram a perguntar:

- Futebol veio da África? E o basquete?

Falamos para eles que não, porém existem muitos jogadores negros, e que eles têm por característica sua força. Por exemplo: Mbapé, Pelé. E no basquete também tem muitos outros e que eles se destacam pela altura também.

Ponderamos sobre a questão da velocidade, que nas competições de atletismo os maratonistas de origem africana têm um maior destaque.

Perguntamos se eles conheciam algum herói da África. Alguns falaram do Pantera Negra (herói fictício dos quadrinhos). Concordamos e acrescentamos que ele vive em Wakanda, um reino fictício na África. Mas, que existem pessoas muito importantes na vida real também. Como Nelson Mandela, Zumbi dos Palmares e Martin Luther King, que lutaram pelos direitos dos negros.

Investigamos se conheciam ritmos musicais de influência africana. Alguns alunos falaram sobre as músicas usadas na capoeira.

Por fim perguntamos sobre as comidas, se conheciam alguma comida africana. Novamente a resposta foi negativa.

Perguntamos quem tem parentes na região da Bahia, e muitos responderam que tem, expomos para eles que na Bahia a cultura africana é mais presente que nas outras partes do país. As comidas como dendê, acarajé, feijoada, vatapá, o cuscuz tem origem africana.

O que os alunos mais conheciam era a feijoada, porém não sabiam que era de origem africana. Após todos esses assuntos e por conta também do curto tempo chegou a hora de finalizar o trabalho do primeiro dia.

Pedimos para que eles se desenhassem com muita atenção e capricho.

Logo, um aluno fez um comentário muito interessante:

- Vou pintar de marrom, mas fraquinho pra ficar parecido com a cor da minha pele.

Percebemos que mesmo com poucas pessoas se definindo como descendentes africanos muitos utilizaram a cor marrom para definir sua cor de pele. Pelo menos metade da turma.

Antes de irmos embora perguntamos mais uma vez quem se considera de origem africana e 7 alunos levantaram as mãos. Um a mais que antes.

No segundo encontro, 25 crianças nos aguardavam. A recepção delas foi bem mais calorosa que no primeiro dia, utilizamos então a aula de artes.

Iniciamos uma conversa sobre o que havíamos falado no primeiro dia do projeto e as crianças contaram o que lembravam. Foi então que pegamos o primeiro cartaz com imagens da cultura afro-brasileira e elas ficaram surpresas com as imagens, já que agora podiam visualizar boa parte do que havíamos falado para eles.

Após uma breve conversa sobre as imagens que estavam no cartaz, mostramos o outro cartaz agora com os autorretratos que eles fizeram e a expressão de surpresa dos alunos foi muito grande, eles puderam se ver representados naqueles desenhos.

E então perguntamos o que eles mais gostaram de aprender sobre a cultura afro-brasileira e alguns disseram que havia sido sobre a capoeira, outros sobre as comidas, outros sobre os heróis e a maioria sobre a importância do povo africano para formação da cultura brasileira.

Contamos a história da boneca Abayomi, que é uma boneca criada por mães africanas como objeto de entretenimento para as crianças que estavam nos navios vindo junto com os pais

da África para o Brasil, o brinquedo foi criado apenas com nós dos pedaços de roupas das mães.

As crianças ficaram encantadas e felizes por produzirem sua própria boneca, sugerimos então que elas dessem de presente para alguém especial para elas.

Ao término do segundo dia de projeto a professora titular da sala pediu que deixássemos os cartazes expostos na sala de aula, para que assim as crianças pudessem consulta-lo quando quisessem.

Como finalização perguntamos quantas crianças se reconheciam com traços africanos e para nossa surpresa 17 crianças levantaram a mão, o número dobrou desde o primeiro dia que eram apenas 7.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como intuito verificar como é trabalhada a relação da cultura afrodescendente com as escolas, através de análises e pesquisas. Observamos que há pouco conhecimento étnico-racial para os alunos dentro das escolas, de modo com que crianças e adolescentes na maioria das vezes não se sentem representados com a forma que se é contada a sua história advinda da cultura, desse modo, a forma negativa é predominantemente imposta, fazendo com que mesmo aqueles que são visivelmente descendentes e negros não queiram ter sua história interligada com a cultura negra, por ser vista apenas com uma vasta bagagem de sofrimento e dor.

Pode-se concluir que o trabalho sobre as temáticas africanas nas salas de aula, é capaz de desconstruir estereótipos ou pelo menos estimular as crianças a assumir sua real descendência sem que se sintam oprimidas ou com medo das represálias da sociedade e contribuir para que se tornem adultos conhecedores e que valorizem os diversos aspectos e matrizes que compõe a nossa população.

Logo, torna-se fundamental a formação de professores com base sólida sobre essa temática na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Momento esses em que as crianças ainda estão construindo suas crenças e valores, assim, nada mais apropriado do que ter uma educação que permita a percepção da diversidade e da diferença como um aspecto comum dentro de uma sociedade. Podendo construir uma visão positiva das diferentes culturas para abolir a questão do preconceito e da discriminação, tão incorporadas historicamente em nosso país.

É importante ressaltar que tratar de assuntos que englobam diferentes culturas deve ser feito durante todo o calendário letivo, pois só se respeita a diversidade se esta for uma atitude que se encontre, não apenas nos projetos trabalhados em sala de aula em momentos pontuais, mas diariamente, como uma postura a ser seguida.

O indivíduo que sofre a discriminação, sem perceber, reproduz este discurso consigo mesmo, bem como com os outros que se encaixam em seu grupo social, percebendo-se como diferente de uma forma negativa, legitimando toda a visão dominadora de uma cultura superior ou ideal. Portanto, é necessário desconstruir esta caracterização construída não apenas em relação ao negro, mas também ao mestiço, ao índio e as outras culturas existentes em nosso país.

Diante desse problema social, é preciso formar pessoas que respeitem a diversidade e veja as coisas de outra maneira. Visto que, em curtos passos está sendo modificadas algumas opiniões em massa e o papel da escola é exercer sua contribuição para que novos cidadãos construam uma sociedade diferente, saibam reconhecer todo o fardo cultural deixado pelos negros e apreciá-lo.

Finalmente, indicamos a partir deste relato de experiência que outras pesquisas possam seguir aprofundando o debate em torno da questão, de forma a abordar outros conteúdos desenvolvidos nos anos iniciais da escolarização, como os arrolados no eixo de cultura brasileira ou ainda manifestações regionais e suas respectivas relações com a arte.

REFERÊNCIAS

BORGES, Edson. Racismo, preconceito e intolerância. São Paulo: Atual, 2002.

BRITO, Maria Da Glória Franco. A valorização da cultura africana e afro-brasileira em uma escola da rede pública do Estado da Paraíba. Dissertação(Especialização) – Universidade Estadual da Paraíba, Itabaiana,2014.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998, vol 2.

GENRO, Tarso. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura Afro-Brasileira e africana. Distrito Federal: Outubro, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. Revista Brasileira de Educação, 2002.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. A África na sala de aula: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. Afonso. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 5. ed. São Paulo: EPU, 1986.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. O negro no Brasil de hoje. Coleção para entender. São Paulo: Global, 2006.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. 3.ed. São Paulo: Global, 2010.

SANTOS, Rosenverck. Estrela.Educação e Relações Étnico-Raciais no Brasil: Monoculturalismo e a Construção da Identidade Negra. Revista Espaço Acadêmico – Nº. 91. São Luis- MA, Dezembro de 2008.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloísa M. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

